

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0424-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.248220908>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**A Educação enquanto fenômeno social: Gestão e práticas pedagógicas**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS CAMINHOS EMANCIPATÓRIOS – UMA VISÃO SOCIOLÓGICA

Enio Waldir da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209081>

CAPÍTULO 2..... 19


TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A EXPANSÃO E INTERIORIZAÇÃO DOS INSTITUTOS FEDERAIS

Suelma dos Reis Pereira Alves

Leia Adriana da Silva Santiago

Marco Antônio de Carvalho


Rosita Camilo de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209082>

CAPÍTULO 3..... 31

AS FORMAÇÕES DOS PROFISSIONAIS DIGITAIS, LIDERANÇA E GESTÃO DE EQUIPES

Débora Valentim dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209083>

CAPÍTULO 4..... 38

A RECEPÇÃO DA IMAGEM INDÍGENA CONSTRUÍDA A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS

Tatiana Machado Boulhosa


Igor Lima Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209084>

CAPÍTULO 5..... 51

A RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO, PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Eva Margarini Venâncio de Sousa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209085>







CAPÍTULO 6..... 63

AMPLIFICADORES CULTURAIS ENQUANTO TECNOLOGIAS DE APOIO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASSERÇÕES PSICOLÓGICO-PEDAGÓGICAS A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Clarisse Daminelli Borges Machado


Edson Schroeder

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209086>

CAPÍTULO 7	72
UMA CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA SOBRE A TEMÁTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE	
Maria Cecília Ribeiro Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209087	
CAPÍTULO 8	80
REVISÃO HISTÓRICA DO CINEMA DE RUA EM NATAL– RN E AS POSSIBILIDADES DO STREAMING	
Alessandro da Silva Maia	
Mary Land de Brito Silva	
Paulo Guilherme Muniz Cavalcanti da Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209088	
CAPÍTULO 9	95
ECOSISTEMAS DE INVESTIGACIÓN, DESARROLLO E INNOVACIÓN EDUCATIVA PARA EL DESARROLLO DE PROYECTOS DE APRENDIZAJE POR SERVICIO SOSTENIBLES	
Emilio Álvarez Arregui	
Covadonga Rodríguez-Fernández	
Sara de la Fuente González	
Alejandro Rodríguez-Martín	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209089	
CAPÍTULO 10	116
A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PERSPECTIVAS INSTITUCIONAL E CULTURAL	
Alexandre Souza de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090810	
CAPÍTULO 11	130
VICISITUDES EN LA TRANSICIÓN EDUCATIVA DE LO PRESENCIAL A LA VIRTUAL CAUSADA POR EL COVID-19 EN LA REGIÓN MIXTECA	
Olivia Allende Hernández	
Celia Bertha Reyes Espinoza	
Liliana Eneida Sánchez Platas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090811	
CAPÍTULO 12	142
LIBERDADE NA CIDADE: RELAÇÃO ENTRE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RECURSOS URBANOS (A PRAÇA E A CAPOEIRA)	
Lucélia Novaes Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090812	
CAPÍTULO 13	154
QUALIDADE DE VIDA E NÍVEIS DE ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO DE	

DOCENTES UNIVERSITÁRIOS


Naitheli da Silva Caires
Elen Cristina Chaves Oliveira
Berta Leni Costa Cardoso
Keyla Iane Donato Brito Costa
Arthur Oswaldo Pereira Prado Netto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090813>

CAPÍTULO 14..... 166

A DISTÂNCIA ENTRE O PREVISTO E O REALIZADO NA ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS ESCOLARES E DA PROGRESSÃO CONTINUADA NA CIDADE DE SÃO PAULO


Ronaldo Tiago Marques de Jesus
Claudia Pereira de Pádua Sabia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090814>

CAPÍTULO 15..... 192

NUEVOS PARADIGMAS EN LA ENSEÑANZA DE INGENIERÍA: COMPETENCIAS SOCIALES, POLÍTICAS Y ACTITUDINALES

Diego Jesús Conte
Darío Rodolfo Echarreta
Norma Yolanda Haudemand

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090815>

CAPÍTULO 16..... 206

AÇÕES EM GRUPOS DE PESQUISAS: CONTRIBUIÇÕES DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE


Leonardo Avelhaneda Hendges
Andrei Alves Tavares
Eduardo Adolfo Terrazzan

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090816>

CAPÍTULO 17..... 218

A GESTÃO DO ACESSO LIVRE AO CONHECIMENTO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, ESTUDO DE CASO SOBRE REPOSITÓRIOS DE ACESSO ABERTO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA


João Firmino Soares Abreu Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090817>

CAPÍTULO 18..... 235

EL EXTERIOR DEL AULA: UN ESPACIO LLENO DE OPORTUNIDADES PARA LA FORMACIÓN Y LA INNOVACIÓN DOCENTE EN EDUCACIÓN SUPERIOR


Román Nuviala Nuviala
Gabriela Nogueira Puentes
Guillermo Morán Gámez
David Falcón Miguel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090818>

CAPÍTULO 19.....241

A APRENDIZAGEM COOPERATIVA ATRAVÉS DE JOGOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA


Raquel Neves Batalhas
Tiaria Graça dos Santos
Efigenia Graça dos Santos
Cenilda Graça Ribeiro
Jacqueline Costa Quinta Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090819>

CAPÍTULO 20.....254

ESCOLA DO CAMPO, INTERFACES DIGITAIS E PARADIGMAS PARA A EDUCAÇÃO NO/DO FUTURO


Geovânia Souza do Nascimento
Miquéias Moreira de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090820>

CAPÍTULO 21.....266

PROJETO RECOMEÇO – UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SABARÁ


Augusta Isabel Junqueira Fagundes
Lilianny Garcia de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090821>

CAPÍTULO 22.....275

A IMPORTÂNCIA DO GESTOR ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO


Izana Teixeira Pinheiro Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090822>

CAPÍTULO 23.....288

ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL: EFECTO EN EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA INFORMACIONAL EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS


Edgar L. Martínez-Huamán
José Luis Estrada Pantía
Rosario Villar-Cortez
Cecilia Edith García Rivas Plata
Jorge Wilmer Elías Silupu
Emilia Villar Cortez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090823>

CAPÍTULO 24.....297

UMA ANÁLISE CRÍTICA A CERCA DOS OBJETOS/BRINQUEDOS, E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DO BRINCAR DENTRO DA ESCOLA

Fábio Carvalho Rodrigues
Ronan Ahmad Juste Ayoub
Junio Pereira Virto de Oliveira
Aline Aparecida Miranda Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090824>


CAPÍTULO 25.....309

ESTÁGIO DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂCIA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

João Pedro Macedo Nascimento Fernandes

Adelmo Carvalho da Silva

Sueli Fanizzi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090825>

CAPÍTULO 26.....317

O ERRO COMO OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM: UM NOVO MÉTODO APLICADO
NA DISCIPLINA TÉCNICA DE ACIONAMENTOS ELÉTRICOS E PROTEÇÃO NO IFRO

Sirley Leite Freitas


Joab da Silva Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090826>

CAPÍTULO 27.....328

OPORTUNIDADES DE LA VIRTUALIZACIÓN PARA LA CONSOLIDACIÓN DE
COMPETENCIAS ESPECÍFICAS EN LOS ESTUDIANTES DE LA ASIGNATURA
ENSEÑANZA APRENDIZAJE

Belkis Jamileth Duarte Nares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090827>

SOBRE O ORGANIZADOR.....343

ÍNDICE REMISSIVO.....344

A RECEPÇÃO DA IMAGEM INDÍGENA CONSTRUÍDA A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 30/06/2022

Tatiana Machado Boulhosa

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/7244262875865264>

Igor Lima Lopes

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/6740323927173934>

RESUMO: A presente pesquisa tem como objeto de estudo a construção das imagens dos indígenas no Brasil a partir da homogeneização das etnias, da simplificação religiosa e da marginalização social e de como reproduzimos essas ideias em nossos materiais e em nossas vivências escolares. Para isso, organizamos nosso trabalho a partir da leitura de textos teóricos que nos guiaram na construção de um quadro conceitual, da análise do material escolar e propusemos uma intervenção sobre o tema em um conjunto de aulas de Artes do 7º ano, que resultaram em produções, cujas análises nos permitiram concluir que algumas questões são tão arraigadas que sua desconstrução e consequente reconstrução são verdadeiramente complicadas.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem e identidade; folclore; educação antirracista; indígenas.

HOW ARE INDIGENOUS PEOPLE PERCEIVED IN BRAZIL AND ITS SCHOOL BOOKS

ABSTRACT: The following research aims at thinking about the ways in which we have built the images of native people in Brazil and how we have created a false sensation of homogeneity, by simplifying their religious beliefs and socially marginalizing their importance and existence in our school materials and curriculum. In order to do so, we have analyzed the material and we have proposed an intervention during a couple of 7th grade Arts classes. After said intervention, we have looked into the resulting art students have produce. Their analysis, based upon previously read theoretical works, points out to the fact that some issues are so deeply rooted in our culture that deconstructing and reconstructing them is complicated.

KEYWORDS: Image and identity; folklore, anti-racist education; native people.

1 | INTRODUÇÃO

O principal objetivo da pesquisa de que resulta este artigo foi analisar criticamente como culturas, povos e crenças indígenas vêm sendo retratadas na Educação e na Arte, em específico em materiais didáticos. Espera-se que esta reflexão possa contribuir para o debate sobre a importância de um Ensino de História e Cultura Indígena numa perspectiva não mais colonial, mas sim antirracista, centrada na experiência e na existência indígena. Para tanto, traçamos

três objetivos específicos que funcionaram como guias para o desenvolvimento do trabalho: (1) definir conceitos bases para a discussão; (2) analisar a forma como a questão indígena aparece no material didático eleito e (3) propor um caminho não mais colonial como dito acima.

Temos conhecimento de que na educação existem parâmetros, leis e diretrizes que orientam aquilo que deve ser ensinado em sala de aula, assim como os conteúdos e temáticas a serem tratados. Entretanto, na prática – ao menos no espaço em que se insere esta pesquisa –, nem todas as temáticas são debatidas da mesma forma ou com a mesma intensidade e, algumas delas, quando são, trazem uma perspectiva colonialista e eurocêntrica, fortalecendo a narrativa já construída pelos colonizadores sobre outros povos e seu processo de escravização. Em relação à História e à Cultura Indígena, percebemos que não só ela é pouco abordada, como passa muitas vezes pela chave de leitura do exótico ou do infantil. Esta percepção nos levou à importância de refletir sobre o tema.

O espaço de observação e de experimentação dessa pesquisa foi uma escola particular localizada em uma região de classe média alta da cidade de São Paulo. Este recorte precisa sempre ser levado em consideração, já que informa muitos de nossos resultados e de nossas premissas. Por exemplo, é dentro deste espaço que podemos afirmar que um dos primeiros contatos com temas relacionados ao indígena, para além do Dia do Índio, é através do folclore. No folclore, personagens míticos das culturas indígenas são apresentados com aspectos infantis desde os primeiros ciclos da escolarização. Posteriormente, o debate sobre só é retomado nas aulas de História quando abordamos o tema da escravidão, em uma breve passagem. De forma geral, os povos indígenas não têm identidade na escola e sua leitura é simplista: são retratados como ingênuos, como um grupo que trocou suas terras por espelhos, que não resistiu à escravidão e que procurou, desde sempre, fugir e permanecer nesse refúgio isolado das “evoluções” históricas do Brasil. Esforços para desfazer essa imagem ainda são pontuais e isolados (PINTO, 2019).

Outro ponto significativo para a construção dessas imagens dos indígenas na educação é a desatualização dos materiais didáticos, somada à ausência do debate sobre como propor chaves de leituras históricas centradas nos povos conquistados e não nos conquistadores. As atividades, os livros didáticos e outros materiais comumente utilizados em sala de aula ainda possuem um olhar etnocêntrico em relação aos indígenas que, muitas vezes, reforçam imagens construídas pela historiografia tradicional e que não agregam ou atualizam sobre quem são estas pessoas atualmente. Além disso, mesmo que seja possível encontrar materiais que procuram (des)construir algum diálogo, temos também que destacar a ausência de bagagem do professor para abordar a temática em aula, as dúvidas sobre como tratar do tema e até quando tratar dele, inclusive por conta de questões políticas, dependendo do contexto em que o professor se insere; como é o caso do espaço em questão, cujas características já mencionamos anteriormente.

Tudo isso posto, chegamos ao nosso problema principal: como a identidade

indígena é retratada no material escolar, que imagens sobre ela são construídas e quais as atividades que levam a essa construção? Se ainda estivermos no espaço da infantilização e do etnocentrismo, por que isso acontece e com podemos resolver? Ressaltemos que aqui estamos falando de uma realidade socioeconômica específica e de materiais escolares de um sistema de ensino específico (particular). Contudo, também podemos afirmar que se trata de um sistema de ensino bastante utilizado e de importância significativa para os espaços educacionais de classe média e média alta que optam pelas possibilidades apostiladas do sistema particular de educação e que, por sua vez, formam o grosso das elites intelectuais do país que, por fim, contribuem para a perpetuação dos estereótipos e das limitações.

2 | DISCUSSÕES TEÓRICAS

Atualmente temos fortes debates sobre problemas estruturais e sociais, entretanto, quando chegamos à discussão sobre os indígenas, tendemos a nos esquivar do cerne da questão, que são as consequências da violência da colonização. Por vezes, nas representações que encontramos, sequer enxergamos os indígenas como outro humano dotado das mesmas capacidades e acabamos por nos encontrarmos com imagens que ainda reforçam sua suposta incapacidade de autogoverno ou de participação social e cidadã, mesmo que estejam em território brasileiro. Isso é fruto da imagem colonial dos indígenas existente até hoje, porquanto de forma velada, que os infantiliza, animaliza, coloca sob a tutela dos não indígenas e os congela em um espaço temporal e geográfico de que não podem sair para que suas identidades sejam válidas (CALEFFI, 2003).

Um dos mecanismos para a manutenção dessa imagem é a narrativa folclórica que possui origem na religiosidade e na cultura dos povos nativos. Portanto, para dar continuidade, faz-se necessário a compreensão de termos como “religião”, “mito” e “folclore” e suas dinâmicas de funcionamento. Por religião, podemos entender um sistema de símbolos e representações adotado por determinado grupo de pessoas que faz parte da identidade cultural e social desse determinado grupo, sobretudo em povos não ocidentais, pois para eles é incomum a divisão das práticas religiosas das sociais (DURKHEIM, 2003). Já os mitos podem ser definidos como narrativas, normalmente religiosas, que buscam explicar algum aspecto do mundo ou da realidade. Essas narrativas são tidas como verídicas pelos povos que as utilizam ou as criam, ainda que a origem desse mito seja remota, esquecida. Seguindo os estudos de Durkheim, podemos entender os mitos como representações coletivas que dizem de forma simbólica como se dá o funcionamento social daquele grupo. Por fim temos o folclore, que, de forma simplista, se refere ao conjunto de criações culturais de uma comunidade ou à “sabedoria do povo” (do inglês, *folk* – povo; *lore* – saber).

Dentro do folclore brasileiro encontramos narrativas como Saci-Pererê, Mãe D’água,

Curupira ou Caipora. Essas “lendas” nascem com os povos indígenas, mais precisamente em suas vidas religiosas no formato de mito. Essas figuras são retiradas da sua origem mitológica e descaracterizadas a ponto de perderem suas raízes. Assim, o mito é transformado em lenda e passa a cumprir outro papel social, deixando uma representação coletiva daqueles povos originários para se tornar uma narrativa infantilizada e não mais entendida como verdadeira, mas sim como crença popular e superstição.

Esse movimento de folclorização dos mitos indígenas impacta diretamente nas imagens construídas sobre essas pessoas e suas culturas, uma vez que existe a diminuição de suas representações simbólicas. Por outro lado, quando falamos das crenças indígenas, é quase como se estivéssemos falando de histórias contadas ao redor da fogueira em um acampamento, já que não damos a elas a validade material e narrativa que deveriam ter. Com isso, a imagem do indígena é reafirmada como inferior e permanece limitada ao espaço de incapaz de se autogovernar ou de participar socialmente.

3 | ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Para a análise foi escolhido o livro de História utilizado por alunos de 11 a 12 anos e matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II, de um colégio de classe média alta, localizado na zona sul de São Paulo, onde um dos pesquisadores realiza estágio não obrigatório. O material se chama *Araribá Plus*, é organizado e publicado pela Editora Moderna. Esta série é indicada para alunos do 6º ao 9º ano. Atualmente utilizamos sua 5ª edição. No caso do livro do 7º ano, ele possui 264 páginas. Dentro dele temos a Unidade 5, intitulada “Portugueses na América: conquista e colonização”, com 31 páginas. Iniciando na página 136 e acabando na 167, temos 3 Temas (como subunidades) que abordam a história dos indígenas no território brasileiro. O Tema 1 se chama “Os povos que os portugueses encontraram”; o Tema 2, “A conquista e o início da colonização” e o Tema 3, “Escravidão e resistência indígena”. Dentre esses 3 Temas, damos maior enfoque ao primeiro, pois ele contribui de forma mais direta para que possamos compreender quais as imagens construídas dos indígenas.

Iniciando a unidade, há duas páginas (p. 136 e 137), antes do Tema 1, que trazem um texto introdutório nomeado de “O importante é celebrar”. Esse texto aborda os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, explicando seu funcionamento e sua importância. Na página seguinte (p. 138), inicia-se o Tema 1, “Os povos que os portugueses encontraram”, com o texto “Os povos de Pindorama”. Nele, o material aborda a existência dos povos indígenas e sua variedade étnica de forma sucinta, dando enfoque aos Tupis.

Na página 139, ainda dentro do Tema 1, temos o texto “Formas de organização social”. Os Tupis ganham destaque novamente e são usados como referência para a explicação dos costumes e da organização social dos povos indígenas no Brasil. O texto aborda aspectos como alimentação, organização política e guerras entre etnias diferentes.

Como forma de ilustração aparece uma gravura de um ataque Tupinambá a uma aldeia Tupiniquim. Como complemento existe um texto questionando o uso do termo índio. Nele são apresentados dois pontos de vista: um deles defendendo que o termo deixou de ser pejorativo (sem trazer uma referência ou citação teórica) e o outro, apresentado pelo escritor indígena Daniel Munduruku, que sustenta que o termo continue sendo pejorativo e deva, portanto, ser evitado. Por fim, o(a) aluno(a) é questionado(a) sobre o ponto de vista do indígena citado, se ele(a) concorda com o que foi dito e por qual motivo.

A página 140 traz mais dois textos, “Trabalho e religiosidade” e “A guerra e o ritual antropofágico”. O primeiro aborda a divisão sexual de trabalho e a religiosidade indígena de forma rasa, finalizando com um áudio de um cântico Guarani, que pode ser acessado via *QRCode*, link de acesso (para quem utiliza o livro físico) ou diretamente no arquivo (para quem utiliza o livro digital). O tópico seguinte aborda as guerras indígenas e foca grandemente sobre o ritual antropofágico, explicando seus procedimentos desde a levada do prisioneiro à aldeia até o consumo da carne humana em si, bem como seus motivos. O ritual é ilustrado por uma gravura. Em seguida, temos uma questão (um tanto quanto descontextualizada) sobre a importância de conhecer como música indígena é feita.

Na página seguinte (p. 141), está o texto “O contato com o ‘outro’”. Aqui, o primeiro contato de indígenas e portugueses é retratado através de trechos da carta de Pero Vaz de Caminha e da Relação do Piloto Anônimo, um diário não oficial da expedição cabralina. O que encontramos é o relato de uma relação harmoniosa que começa a ser construída. Entre esses textos, existe uma charge da cartunista Laerte (que, de alguma forma levanta questionamentos) e, ao fim, a indicação do site “Povos Indígenas no Brasil Mirim” como leitura complementar para conhecer mais sobre os povos indígenas.

Na página 142, temos o texto “Do estranhamento à negação”, que aborda de forma resumida os conflitos e choques culturais, dando enfoque ao eurocentrismo e ao etnocentrismo, mas sem citá-lo diretamente. A pintura *A Primeira Missa do Brasil* (1948), de Cândido Portinari (1903 – 1962) encerra o argumento principal e vem seguida de um *box* de curiosidade sobre a grafia dos nomes dos povos indígenas e questões para os(as) alunos(as). Nas questões nada se fala sobre os conflitos da colonização. A última página do Tema 1 (p. 143) contém o texto “Terras indígenas” que, por sua vez, traz uma exposição de como os povos nativos se relacionavam com o território pré-colonização e aborda a demarcação de terras na atualidade, como meio de garantir a subsistência dos indígenas e a preservação da sua cultura. No final, encontramos questões sobre o território indígena.

Os demais temas (“A conquista e o início da colonização” e “Escravidão e resistência indígena”) da Unidade 5 abordam a colonização dos indígenas e a forma como eles se revoltaram contra seus colonizadores. Como estamos trabalhando a construção das imagens dos indígenas, observamos que estes temas, no geral, pouco nos ajudam na análise, com algumas exceções. Na página 145, dentro do Tema 2, é possível encontrar um trecho que aborda o escambo realizado entre portugueses e indígenas para a exportação

de pau-brasil e que, acreditamos, contribui para a manutenção da imagem de um indígena ingênuo ou até mesmo do bom-selvagem dos filósofos iluministas, com atitudes permeadas pela confiança “natural” de quem ainda não foi “corrompido pela sociedade”¹. Os conflitos entre indígenas e portugueses só aparecem três páginas depois, na página 148 (Tema 2) e perpassam as narrativas até a página 153 (Tema 3). Nestas passagens se discutem a escravidão dos indígenas, sua catequização e suas fugas; todavia, não encontramos nenhuma informação que nos pareça relevante para o objeto desse estudo, que diz respeito à imagem construída e reproduzida dos indígenas. Não se discorre, por exemplo, sobre o tema resistência ou sobre a luta pela manutenção da identidade.

O título do Tema 1 da Unidade analisada, “Os povos que os portugueses encontraram”, já apresenta um caráter desprotagonizador do indígena em sua própria história. Aqui o indígena é o “outro”. Nota-se que há pouco espaço para abordar de forma qualitativa as questões indígenas. Seria injusto dizer que não existe de forma alguma uma tentativa de trazer reflexões direta ou indiretamente sobre o termo índio, sobre território indígena, etnocentrismo e sobre a presença dos indígenas na contemporaneidade; contudo, essas pautas aparecem sempre de forma complementar a um texto que por muitas vezes reforça a imagem eurocêntrica da narrativa. Além disso, a própria tentativa de reflexão e de construção crítica é superficial, porque, mesmo nesses *boxes*, o que vemos é a simplificação extrema dos indígenas brasileiros, homogeneizando as etnias e folclorização de sua imagem através de gravuras animais, como as de Theodore de Bry (1528 – 1598), que são apresentadas no material e que têm como função reforçar a imagem dos nativos como selvagens e dos europeus como civilizados.

Os textos e as imagens ajudam a reforçar a chave de leitura da passividade da conquista, interrompida apenas por momentos esporádicos da mais pura barbárie. Nas obras trazidas, que são datadas, os indígenas aparecem retratados de forma grotesca e a única imagem em que isso não é verdade, é um quadro modernista que retrata uma missa consideravelmente idealizada. Mais uma vez, ressaltamos que, embora haja tentativas de provocar reflexões sobre a colonização portuguesa, no fim, o material acaba reforçando, mormente, a imagem eurocêntrica do indígena ao invés de debatê-la. É preciso levar em conta que o material é escolhido pela escola e não distribuído de maneira uniforme, como acontece com instituições da rede pública, por exemplo. Desta forma, não podemos deixar de nos questionar se essa escolha, que mantém as questões sobre a representação no campo da sutileza ao tratar de assuntos polêmicos, não respeita o público a que serve o material: grupo de alunos da classe média alta, majoritariamente branca, e, suas famílias, cuja recepção é levada em conta.

1 A falsa ideia de escambo de terras brasileiras por objetos dá margem a uma imagem de passividade dos indígenas e esconde a letalidade da colonização para esses povos. Contudo, é necessário ressaltar que segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2000), havia cerca de dois milhões de indígenas no Brasil do século XIV e, em 1998, a população indígena chegou a um total de 302.888 (IBGE, 1998), uma diminuição considerável e que aponta o impacto desse contato com o colonizador.

4 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Após a reflexão teórica, fez-se necessário uma proposta de intervenção a fim de compreender de modo empírico como o tema é recebido em sala de aula. A intervenção foi pensada para a instituição de ensino privada supracitada, onde, como dissemos, um dos pesquisadores realiza estágio não obrigatório. Cada turma tem em média de 30 alunos e a atividade aconteceu sob supervisão da professora de Artes. Foram elaboradas duas aulas sequenciais de 45 min cada (total de 1h30 por turma), executadas do dia 07/03/2022 ao dia 11/03/2022.

Segundo a proposta do plano de aulas, pretendíamos começar questionando os alunos sobre os conceitos de estereótipo, etnia e raça, com o intuito de realizar sondagem e introdução a alguns conceitos necessários para a discussão. Em sequência, perguntaríamos a eles o que eles entendiam por ser indígena, como um indígena deveria se parecer fisicamente, onde deveriam morar e se faz alguma diferença, para eles, o uso do termo indígena no lugar de “índio”. Para aproximar o tema da realidade das crianças, utilizamos como exemplo o personagem Papa-Capim, que faz parte da *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza, de origem amazônica, e as personagens Elsa e Anna do desenho *Frozen*, da Disney de origem northuldra (tribo fictícia inspirada no grupo étnico sámi).

O primeiro debate deveria ser pela busca de semelhanças e diferenças entre os três personagens, o que nos levaria a conversa sobre de indígenas que não fazem parte do estereótipo construído no decorrer da história do Brasil e como existem diversos grupos étnicos diferentes que tornam a identidade indígena algo heterogêneo. Depois do debate, a ideia era uma pequena exposição dialogada sobre os diferentes grupos étnicos indígenas existentes na atualidade que rompem com o estereótipo debatido e que ocupam outros espaços para além das aldeias através da participação de esportes, da política e da arte. Em seguida, mostraríamos produções do artista contemporâneo Denilson Baniwa (1984 -), que aparecem como referência para a atividade prática, por meio de um vídeo narrado por ele mesmo e de algumas de suas principais obras. Procuraríamos explicar para os alunos como o artista busca mesclar suas vivências na sua aldeia de origem com as do meio urbano, pontuando principalmente o rompimento desse estereótipo construído sobre os indígenas e a ideia de estaticidade cultural.

Por fim, tínhamos a proposta de uma atividade prática em que cada mesa coletiva de até três alunos se dividiria da seguinte forma: um aluno desenharia um indígena brasileiro de forma não estereotipada e mesclando elementos incomuns da sua cultura, assim como o artista faz; os demais produziram um grafismo indígena cada. Após desenhar e colorir, cada mesa escolheria um dos grafismos, colaria o desenho do indígena centralizado na folha e devolveria para avaliação e análise.

5 | EXECUÇÃO DA ATIVIDADE

Na montagem da apresentação da aula, a coordenadora de Artes nos orientou no sentido de retirar da apresentação o questionamento sobre ser ou não correto utilizar o termo indígena. Segundo ela, este questionamento envolve questões de valores. Ela entendeu que o tema poderia ser abordado em sala, mas de forma oral, sem registro escrito, para evitar possíveis problemas com familiares, o que nos faz questionar sobre o tabu existente quando questões raciais são postas no ambiente escolar. Vale também mencionar ainda, nesse tema, que, mesmo após a explicação sobre o uso do termo indígena e a origem do termo índio, a professora que acompanhou a exposição e a atividade continuou utilizando o termo índio, o que pode ser indicativo de uma formação docente que não preparou o(a) professor(a) para debater, refletir e pesquisar sobre questões da atualidade.

Outra constatação importante feita durante a execução da atividade foi a dificuldade que a maioria dos alunos teve em distinguir os conceitos de raça e etnia e, devido a isso, em perceber os indígenas como diversos grupos distintos com singularidades. Acreditamos que isso reforça a ideia inicial do projeto, o fato de que ainda que os termos possam parecer complexos à primeira vista, faz-se necessário trazer o debate para sala de aula para que haja efetivamente uma educação antirracista.

As imagens que os alunos apresentaram dos indígenas se assemelhavam ou era exatamente igual à do personagem Papa-Capim, mostrando o quão forte é essa concepção do indígena desnudo e infantil no imaginário desses alunos. Além da distinção entre etnia e raça e do constante retorno à referência do Papa-Capim, da nudez e da infantilização, outra dificuldade dos alunos durante a ilustração foi na observação dos traços físicos dos indígenas brasileiros. Muitos dos alunos pintaram a pele ou desenharam traços dos indígenas de forma semelhante à de pessoas negras. Uma possível explicação para isso é a de que a visão de pessoas brancas para com pessoas não-brancas acaba se tornando relativamente homogênea; talvez nesse imaginário de alunos(as) de um colégio de classe média alta de São Paulo, pessoas negras e indígenas sejam não necessariamente idênticas, mas tão parecidas que as diferenças não saltem aos olhos ou sequer faça grande diferença.

Em relação ao folclore, parte dos alunos relatou que a imagem construída do indígena se assemelhava a das ilustrações infantilizadas de narrativas folclóricas como, por exemplo, a da Vitória Régia. Nenhum deles tinha conhecimento sobre a origem indígena de personagens folclóricos, o que mostra que, apesar do esperado, a imagem folclórica não é a mais marcante referência dessas crianças. Ainda assim, coletivamente, quando pensam em indígenas, vemos que eles pensam em pessoas que habitam a mata, que estão completamente isolados de outros grupos, com estética infantilizada e que não ocupam espaços urbanos.

6 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após o recolhimento das atividades para análise, foi realizada uma curadoria para selecionar trabalhos que representassem as tipologias das produções e que pudessem ser instrumentalizadas na análise. Selecionamos aqui 3 (três) produções distintas que trazem questões que nos pareceram reveladoras. Todas as produções serão referenciadas de maneira anônima elencando os grupos de alunos(as) por ordem de análise para preservar a identidade das crianças e manter o trabalho dentro das diretrizes legais e éticas da pesquisa. Seguiremos aqui apresentando a imagem e propondo uma leitura e possíveis reflexões.

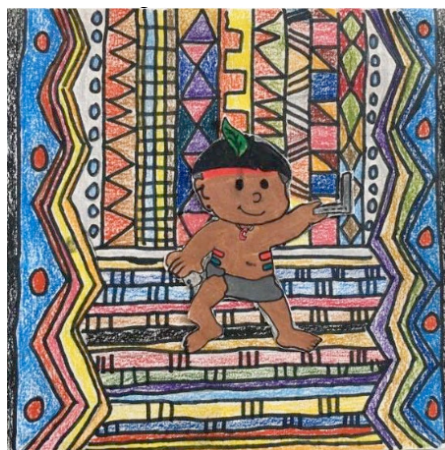


Figura 1: Atividade 1

Fonte: Grupo 1, 2022.

Nesta atividade (Figura 1, Atividade 1), vemos um indígena semelhante ao famoso Papa-Capim, criação de Maurício de Souza, personagem da *Turma da Mônica*. Durante a produção, o grupo foi orientado sobre a imagem infantilizada, contudo, manteve este tipo de representação em suas produções. Ainda que não tenham sido observadas imagens infantilizadas no livro didático, podemos supor, pela persistência da leitura, que alguns(mas) alunos(as), como estes(as) carregam consigo essa imagem de forma enraizada, seja por conta de suas próprias infâncias ou por conta da maneira como eles(as) se relacionam, fora do ambiente escolar, com a identidade de povos indígenas.

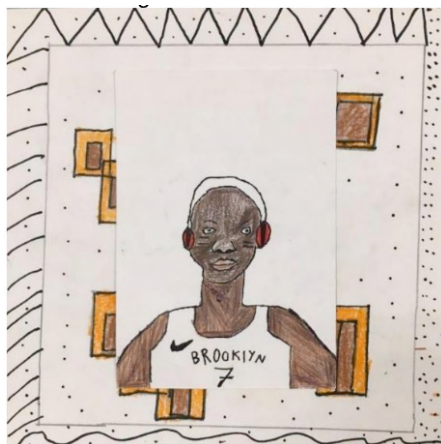


Figura 2: Atividade 2

Fonte: Grupo 2, 2022.

Na Figura 2, Atividade 2, temos a imagem de um indígena careca, utilizando fones de ouvido e uma regata aparentemente esportiva com o nome Brooklyn e o número 7 escrito nela. Notamos imediatamente que a pele e os traços do indígena nesse desenho assemelham-se muito aos de uma pessoa negra e, mais ainda uma pessoa negra de pertença à cultura norte-americana (o que supomos por conta da questão da imagética do basquete, mas que não precisa ser uma realidade absoluta). Apesar da tentativa de quebrar com o estereótipo, o grupo cai de forma inconsciente em outro, colocando pessoas negras e indígenas em uma perspectiva homogênea. Isso nos leva a retomar discussões anteriores, como o pertencimento desses(as) alunos(as) à classe média alta branca, o que nos permite supor que seu círculo social provavelmente não conta com a presença de pessoas negras ou indígenas enquanto iguais sociais. É curioso que o grupo saia de um estereótipo indígena brasileiro e caia em um estereótipo do negro novaiorquino (retinto, fã de basquete e morador do Brooklyn). É possível dizer que existe uma dificuldade na desconstrução de imagens estereotipadas e que essa dificuldade seja reforçada pela falta da representatividade cotidiana.



Figura 3: Atividade 3

Fonte: Grupo 3, 2022.

Na Atividade 3 (Figura 3), temos um indígena representado exatamente como esperado de uma imagem comum ou cotidianamente estereotipada: cocar, colares, e tanga. De fato, nenhuma forma de desconstrução de sua imagem é trazida; vemos um indígena fiel ao que foi apresentado no livro didático, desde as pinturas de Debret até aquilo que mais se vê nas referências do dia a dia. Além disso, chama atenção o fato de que a cor da pele do indígena, novamente, aparece sendo representada como a das pessoas negras. Contudo, não se pode deixar de notar que este indígena estereotipado e amalgamado ao negro como outro distante está representado na pose do Homem Vitruviano, a proposta de Leonardo da Vinci, do final do século XV para as proporções ideais do ser humano. Chamou-nos atenção porque vemos que aqui houve uma mescla de Europa com América e, de alguma forma, temos, apesar de tudo, o indígena colocado como centro do debate. O(a) aluno(a) parece ter percebido a importância do tema e se dedicou em dar protagonismo ao indígena: ele(a) retirou o indígena de um local de não protagonismo que foi visto no material didático, tornando-o referência, mesmo que ele continue sendo o outro distante e com pouca definição de identidade.

7 | CONCLUSÕES

Desde a leitura dos textos até a realização da atividade, percebemos que o tema é complexo e passa pela desconstrução de diversos pressupostos como a questão do folclore e seu *status* frente à religião; a forma como os indígenas aparecem nos livros didáticos e até mesmo os termos usados em sala de aula. A atividade nos trouxe diversos pontos enriquecedores para a análise e reflexão sobre a pauta identitária que é trazida no texto presente.

Nota-se que o debate existe e está se estruturando de alguma forma; entretanto,

ainda estamos distantes do ideal e é possível notar sintomas de uma construção estrutural sobre a imagem do indígena. Talvez os(as) docentes da atualidade não possuam recursos suficientes para tratar da questão, assim como talvez a família acabe tendo papel importante na manutenção dessa estrutura por questões morais e de valor. Além disso, o recorte geográfico e social desses alunos não pode ser deixado de lado, já que marca suas experiências de vida e seu contato com outras etnias e outras histórias de vida. De qualquer modo, consideramos que o projeto nos mostrou que houve certo avanço no debate em relação ao que a literatura nos colocou e que possivelmente haverá daqui para frente, mais espaços para essas conversas, inclusive em círculos sociais brancos de classe média alta.

Por fim, é necessário reconhecer que existem limitações na atual pesquisa como um olhar mais dedicado à presença da mulher indígena nos debates e quem é então o indígena brasileiro real e desvinculado dessas imagens construídas. Pensando nisso, recomendamos ao leitor interessado pelo tema os livros “Índios no Brasil” de Manuela Carneiro da Cunha (2012), “Os índios antes do Brasil” de Carlos Fausto (2012) e “A presença do Indígena na formação do Brasil” de João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire (2010).

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana. **Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas?** In: SILVEIRA, Rosa Hessel (Org.). Estudos culturais para professor@s. Canoas: Editora da Ulbra, 2008.

CALEFFI, Paula. “O que é ser índio hoje?” **A questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI.** Diálogos Latinoamericanos, Aarhus, Dinamarca, n. 7, pp. 20-42, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3bzOUjA>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

COELHO, Mauro Cezar. **As populações indígenas no livro didático, ou a construção de um agente histórico ausente.** UFPA: Belém, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/39XvMMi>. Acesso em: 16 de abril de 2022.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro.** Salvador: CNF, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EDITORA MODERNA (org.). **Aribabá Plus História.** 5ª Edição. São Paulo: Moderna, 2018.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil 1998.** Rio de Janeiro, 1999. v.58, p.1-143-1-152.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença do indígena na formação do Brasil**. Brasília: MEC/Unesco, 2006.

PINTO, Danilo César Souza. **A representação dos indígenas num cotidiano escolar**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 60-78, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3OLTBoN>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

PIPA. **PIPA 2019 I Denilson Baniwa**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3OSIEDj>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 266, 267, 270, 271, 272, 273, 280

Aislamiento 130, 131, 138

Alfabetização 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 167, 168, 184, 215, 306, 343

Alfabetización informacional 288, 289, 290, 296

Amplificadores culturais 63, 64, 65, 67, 69, 70

Ansiedade 154, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 268

Aprendizagem 32, 33, 34, 36, 37, 52, 53, 56, 61, 62, 64, 67, 95, 96, 117, 119, 121, 123, 124, 127, 142, 144, 146, 149, 166, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 220, 222, 224, 230, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 256, 260, 261, 262, 268, 271, 273, 278, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 323, 324, 325, 326, 327

Aprendizaje 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 195, 196, 203, 204, 235, 236, 237, 238, 239, 290, 295, 296, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342

Atividades extracurriculares 206, 210

B

Brincar 53, 54, 63, 67, 69, 182, 241, 243, 244, 245, 251, 252, 253, 297, 298, 303, 307

Brinquedo 69, 245, 252, 297, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 308

C

Capoeira 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Ciclos escolares 166, 167, 168, 169, 171, 175, 178, 186, 188

Cinema 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Cinematoteca potiguar 80, 81, 82, 93, 94

CMS Wordpress 80, 81

Colaboración 95, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 112, 135, 137

Competencia 136, 141, 192, 193, 194, 196, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 328, 332, 341

Comunidade escolar 121, 128, 272, 275, 280, 284

Contenidos 106, 111, 235, 236, 237, 238, 239, 291

Covid-19 124, 130, 131, 132, 133, 138, 139, 254, 266

Cultura escolar 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 287

D

Depressão 154, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165

Direitos humanos 1, 2, 3, 5, 6, 8, 15, 18

Docentes universitários 154, 156, 158, 163

Dualidade histórica 19, 24

E

Ecosistema 96

Educação 1, 2, 9, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 50, 58, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 88, 93, 95, 96, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 127, 128, 129, 142, 143, 149, 155, 156, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 227, 229, 232, 233, 234, 241, 242, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 278, 280, 281, 282, 284, 286, 287, 297, 299, 302, 303, 306, 308, 309, 311, 312, 314, 315, 327, 343, 345

Educação antirracista 38, 45, 50

Educação básica 28, 178, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 241, 243, 249, 256, 258, 262, 263, 312, 315, 327, 343

Educação física 23, 158, 159, 160, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Educação infantil 63, 64, 66, 67, 69, 70, 117, 180, 253, 308, 312

Educação profissional e tecnológica 19, 20, 23, 27, 28, 29, 30

Emancipação 1, 17, 19, 259

Empoderamento 266, 273

Enseñanza 101, 104, 113, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 192, 193, 195, 235, 238, 239, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 341

Enseñanza-aprendizaje 104, 130, 132, 135, 136, 139, 140

Ensino fundamental 41, 52, 116, 117, 119, 124, 164, 166, 167, 168, 171, 175, 185, 188, 190, 222, 248, 249, 254, 256, 297, 298, 299, 306, 307, 312

Ensino no campo 254

Ensino remoto 124, 254, 256, 259, 260, 267, 268

Escola Pública Estadual 116

Espaços culturais 116

Estresse 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 164, 165

Experiência 8, 14, 38, 53, 70, 117, 124, 146, 160, 206, 207, 209, 210, 245, 252, 266, 269, 271, 272, 273, 275, 284, 285, 309, 311, 313, 314, 318, 325, 327

F

Folclore 38, 39, 40, 45, 48, 49, 143

Formação docente 29, 45, 72, 73, 75, 78, 79, 206, 208, 210, 214, 215, 259, 346

Formação humana integral 19, 23, 24, 27

Formação inicial 25, 206, 207, 209, 217, 224, 309, 310, 311

G

Gestão 6, 31, 32, 35, 36, 37, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 127, 166, 168, 169, 178, 186, 188, 214, 218, 223, 234, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 287

Gestión deportiva 235

Grupos de pesquisa 206, 250

I

Identidade 7, 9, 18, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 48, 81, 118, 120, 153, 170, 184, 185, 209, 223, 264, 270, 273, 299

Imagem 17, 34, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 59, 60, 88, 89, 173, 253

Inclusión 95, 112, 115

Indígenas 26, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 92, 141

Interesses 7, 8, 12, 13, 93, 126, 150, 179, 186, 187, 207, 259, 261, 262

J

Jogos cooperativos 241, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Juventude 142, 145

L

Liberdade 6, 7, 8, 14, 17, 18, 142, 143, 145, 147, 149, 153, 177, 256

M

Matemática 306, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 327, 343

Medo 7, 9, 10, 16, 142, 143, 144, 145, 152, 153, 155, 162, 184, 266, 268

Métodos 29, 33, 62, 70, 116, 131, 137, 156, 161, 170, 194, 195, 235, 242, 250, 271, 276, 278, 290, 320

N

Neurociência 51, 52, 54, 56, 60, 61, 62

P

Pedagogia 23, 28, 50, 80, 158, 166, 179, 217, 251, 252, 264, 309, 311, 312, 313, 314

Pensamiento analítico 328, 331, 332, 342

Praça 88, 142, 143, 144, 146, 147, 149, 151, 152

Práticas culturais 116, 127, 128, 220, 252

Práticas educativas 119, 206, 207, 208, 221, 254

Professional 19, 96, 112, 206

Professor 1, 37, 39, 45, 49, 67, 69, 72, 76, 77, 78, 80, 121, 143, 146, 154, 156, 160, 163, 164, 165, 170, 172, 173, 174, 175, 180, 184, 185, 187, 206, 209, 211, 213, 215, 216, 217, 245, 249, 250, 251, 256, 260, 262, 263, 270, 271, 274, 286, 299, 306, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 320, 322, 323, 326, 343

Progressão continuada 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Psicomotricidade 51, 52, 53, 54, 56, 58, 60, 61, 62

Q

Qualidade 26, 27, 32, 34, 35, 36, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 175, 177, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 213, 214, 215, 218, 224, 225, 232, 233, 257, 259, 261, 262, 268, 275, 279, 281, 282, 286, 311

Qualidade de vida 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

R

Recomeço 266, 267, 269, 272

Región Mixteca 130, 133, 135

S

Sostenibilidad 95, 109

Streaming 80, 81, 82, 91, 92, 93, 108

T

Tecnología de información y comunicación 288

Tecnología educativa 130, 131, 136, 138, 140

Tecnologias 23, 31, 33, 63, 69, 70, 80, 81, 82, 91, 127, 164, 220, 221, 230, 242, 253, 259, 260, 262, 264, 267, 268, 269, 270, 273, 307

Teoria histórico-cultural 63, 64, 65, 70, 297, 298, 299, 300, 308

V


Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 40, 126, 144, 145, 152

Virtualización 135, 328, 331

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br